

O Bem e o Si Mesmo: A Construção da Identidade do Agente Moral em Charles Taylor

Joel Francisco DECOTHÉ JR.¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo fundamental realizar uma breve análise das relações estabelecidas entre o bem e o si mesmo (self) no fluxo construtivo de sua identidade que desemboca no agir moral do agente humano. Para tanto, na seção introdutória do artigo buscamos colocar brevemente o problema da relacionalidade existente entre o bem e o si mesmo e o pano de fundo dos debates em que Taylor está envolvido ao forjar a sua filosofia moral. A partir desta perspectiva, a questão central levantada é a seguinte: de que modo foi sendo construída a identidade moderna em sua relacionalidade com o bem? No intuito de tratar da questão lançada, consideraremos a questão do bem como elemento constitutivo e norteador da vida do si mesmo no bojo destes debates referentes às configurações morais do agente humano. Ademais, buscamos discorrer sobre algumas implicações advindas desta articulação de problemas morais argumentando na direção das inexoráveis configurações morais do si mesmo como agente moral na afirmação da ética da vida cotidiana. Ao nos defrontarmos com o âmbito desta ética de afirmação da vida cotidiana proposta por Taylor em relação ao si mesmo, nos deparamos com a questão das posições ontológicas da vida do si mesmo em sua relação constitutiva com o bem. Isto ainda envolve o problema substantivo de como o si mesmo pode se realizar. Para finalizar o texto tecemos algumas considerações finais sobre esta relação entre o bem e o si mesmo que emerge como algo importante na construção da identidade da vida moral do agente em plena modernidade como sendo uma avaliação forte em seus juízos concernentes ao bem.

Palavras-Chave: Bem, Si mesmo, Agente, Moral, Relação.

The Good and Him Self: The Construction of the Morals Agent's Identity in Charles Taylor

Abstract

This article has as primary goal to conduct a brief analysis on the relationship between the good and the self (self) in the stream of your identity that flows into the Act of a moral agent. To this end, in the introductory section of the article we seek to put the problem of relacionalidade that exists between the well and the himself and the backdrop of debates in which Taylor is involved to forge their moral philosophy. From this perspective, the main question raised is as follows: in what way was being built the modern identity in your relacionalidade with the right? In order to deal with thrown, we consider the question of establishing and guiding element as good as the life of himself in the midst of these debates regarding moral settings yourself. In addition, we seek to discuss any implications arising from this articulation of moral problems arguing in the direction of unrelenting moral settings of himself as moral agent in the affirmation of the ethics of everyday life. When faced with the scope of ethics of affirmation of life proposed by Taylor in relation

¹ Mestre em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).E-mail: joel-decothe@yahoo.com.br

to himself, faced with the question of ontological positions of life itself in its constitutive relationship with good. This involves the problem of noun as himself (self) can take place. To finalize the text weave some final thoughts about the relationship between good and yourself that emerges as something important in the construction of the identity of the moral life of the agent in the middle of modernity as a strong review me your judgements concerning the good.

Key Words: Good, Himself, Agent, Morals, Relationship.

Colocação do problema da relacionalidade entre o bem e o si mesmo

A filosofia moral construída por Charles Taylor concentra-se em torno das fontes constitutivas do “*si mesmo*” (self). A reflexão moral tayloriana, se constitui como uma configuração articulativa no campo da ética na qual se concebe extensa atenção ao problema da realização do si mesmo. Podemos encontrar esta reflexão filosófica concentrada em sua obra prima denominada de “*As fontes do self: a construção da identidade moderna*”. Contudo, esta obra insere-se num determinado contexto de debates acadêmicos que não pode ser negligenciado. A publicação deste livro data do ano de 1989 e ganha notoriedade pela sua densidade e pertinência com que Taylor se ocupa do tratamento do problema da fundamentação moral do si mesmo (self) em sua constituição identitária no fluxo de erguimento autêntico da vida ética na modernidade. Outra questão que salta aos nossos olhos é a das motivações que poderiam realizar em plenitude as aspirações morais do si mesmo (self). No universo filosófico anglo-saxônico quando da publicação desta obra, as discussões seminais entre os pensadores liberais e comunitaristas ganhava cada vez mais volume e força no cenário moderno da filosofia política de então. A fundamentação deste debate se justificava com a presença ativa de autores como John Rawls, Ronald Dworkin, Isaiah Berlin, R. Rorty entre outros mais do lado liberal que enfatizavam a posição atomista radical do si mesmo (self).

Apesar de demarcar uma postura atravessada pela diferença marcante entre liberais e comunitaristas, alguns elementos estão em consonância entre as duas escolas filosóficas e aparecem de forma marcante neste debate. Pois, conforme salientam Cortina e Martínez, “a filosofia política liberal exalta a virtude da justiça como a primeira das virtudes das instituições sociais e não se dá conta de que a justiça seja uma virtude reparadora” (CORTINA; MARTÍNEZ, 2005, p. 95). As críticas que os comunitaristas fizeram aos teóricos liberais foram aceitas até mesmo pelos próprios teóricos do liberalismo dos últimos anos tamanho é o seu valor de verdade. Outrossim, compondo a ala comunitarista temos em destaque filósofos de astuciosa envergadura tais como Alasdair MacIntyre, Michael Walzer, Michel Sandel, Axel Honneth e o próprio Charles Taylor. Este debate foi sendo desencadeado da parte dos comunitaristas com uma réplica à postura

atomista radical fomentada pelos pensadores do liberalismo. Para os filósofos comunitaristas, o anverso disto seria a atitude de valorização dos vínculos sociais e comunitários, seja isto válido para o indivíduo em seu agir moral ou para as sociedades politizadas em seu agir coletivo. Este conjunto de articulações propositivas seria uma espécie de pressuposto viabilizador que objetivaria um equilíbrio entre o particular e o universal para dentro do próprio funcionamento do liberalismo em meio aos arranjos sociais democráticos nas esferas particular e pública.

No entanto, é com este pano de fundo que Taylor ao publicar seu célebre livro *“As fontes do self”* que talvez tenha como um dos seus mais prementes objetivos: problematizar e construir uma argumentação que trate das questões substanciais iminentes a este debate comunitário-liberal, tendo sempre em mente os imbróglis deste pano de fundo político-filosófico. Entretanto, temos que frisar que Taylor se destaca de uma forma singular neste cenário, pois apesar de se alinhar a posição filosófica comunitarista como tem se convencido afirmar entre os estudiosos. Ele se diferencia peculiarmente em relação aos demais pensadores desta corrente, pelo fato de fundamentalmente estar quase que praticamente isolado por não ser um severo crítico da modernidade. A posição equilibrada de Taylor no que tange a questão do antimodernismo e que é sustentada por alguns filósofos comunitaristas como é o caso de MacIntyre, que se constitui como num dos grandes representantes contemporâneos da crítica à modernidade e da noção de pós-modernidade.

A posição de Taylor em relação à modernidade sempre foi moderada em termos de crítica, pois a sua filosofia moral não se posta no cenário filosófico atual como uma detratora da modernidade. O que Taylor faz é o movimento epistemologicamente constitutivo de dar ênfase às virtudes da modernidade sem negar em hipótese alguma os seus vícios. Logo, como denota Bolzon, em *“As fontes do self”*, como podemos perceber, se erige uma vasta genealogia que deseja explicitar aquilo que seja a constituição das estruturas que “formaram a identidade e o pensamento do sujeito moderno em seus modos de ser em sua relação com o bem” (BOLZON, 2012, p. 26). Nesta obra, Taylor não constrói uma história das ideias, mas toma como fundamento os acontecimentos da vida do agente moral. Taylor empreende um trabalho filosófico árduo de forjar contextos de

compreensão que visem explicar as bases fenomênicas do pensamento do si mesmo moderno, desde as suas estruturas genéticas que foram constituindo e fundamentando a identidade moderna do si mesmo (*self*).

O tema central de Taylor em "*As fontes do self*" gira em torno do eixo que investiga as múltiplas fontes morais do agente humano em sua vida ética. Isto é elaborado dentro do contexto de compreensibilidade da construção da identidade moderna. Neste fluxo investigativo, Taylor entende que apesar de existir uma série de elementos que se estabelecem por meio do consenso no espaço ocidental moderno, isto é, quer seja do ponto de vista dos direitos humanos ou das máximas do utilitarismo em causar o bem ao maior número de pessoas e conseqüentemente reduzir ao máximo o sofrimento humano, existe uma reserva de fortes divergências no que diz respeito às fontes justificadoras de como se constitui a legitimidade deste tipo de consenso comunitário. A questão das divergências se agrava quando se enceta a busca por aquilo que forja as fontes do bem no bojo formativo do agente moral no devir construtivo da identidade em plena modernidade na radicalização do atomismo liberal.

A partir desta articulação contextual e temática da filosofia moral construída pela reflexão de Taylor, podemos formular a seguinte pergunta: de que modo foi sendo construída a identidade moderna em sua relacionalidade tomando como referente o axioma do bem? Num primeiro momento sabe-se que os bens constitutivos foram sendo assumidos pelo si mesmo (*self*) em termos axiomáticos desde a sua gênese moral em termos de configurações substantivas e avaliações fortes. Este é o problema que nos guiará neste artigo no qual levaremos em conta os pressupostos da pesquisa de Taylor sobre as fontes morais do si mesmo (*self*) moderno. Tomamos como base para tal investigação a configuração relacional existente entre o bem em seus modos de ser que são deveras conflitivos e que estão inseridos dentro da dinâmica que envolve a construção da identidade moderna e a evolução inexorável do bem moral na formação e ampliação ontológica da consciência do agente moral em suas posições ativas (TAYLOR, 2013). Em síntese podemos afirmar que, alguns teóricos do comunitarismo direcionam a sua crítica ao individualismo liberal, pois este grupo esta é a causa do atomismo. No caso específico de Taylor no que tange ao problema da identidade e da cultura, "a defesa da política do

reconhecimento foi explicitamente concebida com base nas premissas comunitaristas sobre a identidade pessoal” (HEYWOOD, 2010, p. 100).

O bem como elemento constitutivo e norteador da vida do si mesmo

Ao estabelecermos como tema o problema das relações entre o bem e o si mesmo, temos que considerar que o agir moral tem o seu cerne constitutivo na questão axiomática do bem como meta teleológica. Para Taylor, o agente moral articula as suas ações tendo como objetivo a realização daquilo que tenha de ser qualitativamente mais digno na vida do agente humano. Na filosofia moral de Taylor o agir moral tem o seu estofado pautado numa articulação fundamentada na linguagem presente na vida do agente moral que busca a concretização do bem. Nesta perspectiva, temos presente um horizonte existencial que confere dignidade à identidade que este agente humano possui desde um ponto de vista ôntico em construção contínua. O axioma do bem surge como o alvo a ser ambicionado por meio das avaliações reflexivas que o agente moral realiza em suas ações de um modo forte. O que pauta esta intencionalidade na busca constante de concretização do bem é a valoração da identidade do si mesmo (self) na construção de uma gama de configurações que sejam qualitativas na articulação da vida cotidiana do agente moral. Taylor em sua argumentação sobre as fontes morais do si mesmo, consegue de uma forma pertinente apresentar com ideias fortes e claras as relações existentes entre o bem e o si mesmo (self) na construção de sua identidade.

Uma das articulações que Taylor explora é a de que nas filosofias morais contemporâneas o que se vê é uma preocupação acentuada com o imperativo deontológico concernente às ações morais do que com os significados que tais apresentam para vida do agente moral. A filosofia moral dos últimos anos tem se encerrado em análises que buscam estabelecer uma normatividade que confira valor de verdade às ações cotidianas desde o ponto de vista de seus conteúdos como corretos desde um ponto de vista lógico-linguístico. Sendo assim, o que fica fora destas considerações são os pressupostos referentes ao problema do bem viver. Neste caso as filosofias morais formais não deixam espaço à ideia de bem como ideal a ser buscado e vivido em termos de se configurar moralmente a vida a partir de todas as suas forças intelectuais e volitivas imanentes ao bem. Argumenta Taylor neste sentido o seguinte:

Boa parte da filosofia moral contemporânea, particularmente mas não apenas no mundo de língua inglesa, tem abordado a moralidade de maneira tão estreita que algumas conexões cruciais que desejo esboçar aqui são incompreensíveis em seus termos. Essa filosofia moral tendeu a se concentrar mais no que é certo fazer do que no que é bom, antes na definição do conteúdo da obrigação do que na natureza do bem viver; e não há nela espaço conceitual para a noção do bem como objeto de nosso amor ou lealdade ou, como Iris Murdoch o retratou em sua obra, como foco privilegiado da atenção ou da vontade (TAYLOR, 2013, p. 15-16).

O problema do bem na filosofia moral contemporânea segundo Araujo, “leva ao esquecimento e a não preocupação com as análises das diversas concepções morais que fundam a identidade moral da modernidade” (ARAUJO, 2004, p.134). Logo, temos o diagnóstico de que nas filosofias morais atuais existam distorções conceituais no que diz respeito ao tratamento do problema da moralidade. Para Taylor o que se torna tarefa premente é a ação de busca por esclarecimento das fontes morais que deram origem a noção de ação moral pautada exclusivamente nos conteúdos imperativos e deontológicos. Aqui tem de se levar em conta o conteúdo racional da epistemologia moderna que obtém um critério de demarcação configurado por uma suposta neutralidade científica. Nesta perspectiva, Taylor pondera na direção de que tal postura epistêmica obnubilou o caminho do si mesmo no sentido de promover certo quietismo onde não se indaga nada a respeito do sujeito da ação moral. Esta situação dificulta o estabelecimento nítido do pano de fundo que abarca as configurações morais e teóricas que fundamentam a construção da identidade moderna. Taylor leva em conta as nossas percepções instintivas e teóricas mais variadas para tentar representar o dado de que as nossas ações acontecem apenas pelo fato de estarem fundamentadas em avaliações fortes. Seguindo este discernimento, as ações são validadas ou não validadas tomando como base o bem e o mal ou o mais elevado e o menos elevado. Taylor tem a intenção de investigar o pano de fundo dos fundamentos e circunstâncias teóricas subjacentes a algumas intuições morais dos indivíduos e a função que tais configurações exercem na vida dos sujeitos.

Em Taylor notamos que o indivíduo tem a tarefa de reconhecer aquilo que funda e justifica os seus desejos e gostos para que o mesmo tenha as condições necessárias para efetivar a tomada de decisão na esfera pública no que diz respeito a questões que são problemáticas e que fazem as pessoas sofrerem danos cruciais em face de suas

dignidades. Aqui como expomos acima é o bem que nos leva adiante em nossa análise no bojo daquilo que contribuiu para constituir a identidade moderna na interface com o bem. Sendo assim, o bem se constitui como o elemento que orienta o si mesmo. Logo, o bem é o operador que dá sentido e constrói o caminho de realização que a identidade moral busca vivenciar. Taylor toma como assunto e preocupação ética o tema da dignidade da vida humana, pois desta maneira o pensador canadense procura identificar o bem numa relação expressivista com o si mesmo (self). Cabe ao agente humano erigir a sua identidade moral que busca fundamentar a sua existência como possibilidade de oferecer soluções às mazelas humanas, ou seja, o agente moral deve tentar articular um cabedal de significados morais que colabora para construção de uma vida que esteja fundamentada e justificada, sobretudo pelo elemento ético fundacional de sua identidade que é a sua relação com o bem.

Uma das implicações desta proposição que envolve a identidade e o bem é a de que não temos ações prescritas em que o agente moral esteja envolvido e possa realizar que sejam consideradas como meramente neutras. Isto porque o agente moral necessariamente terá que se posicionar diante das problemáticas humanas na busca de solucioná-las. Para Taylor, o sofrimento precisa ser analisado e relacionado com a questão do respeito que tem como base a noção de autonomia. Para o filósofo canadense, a visão que se tem de reduzir as mazelas humanas ao mínimo possível faz parte constitutiva da prática do respeito que atualmente ostenta significado valorativo para os filósofos morais contemporâneos. Por esta razão é que Taylor realiza uma análise comparativa das principais teorias morais que colaboraram para a ampliação da consciência moral na linha de atenuar o sofrimento humano. Tomando como estofa a noção de atenuar o sofrimento humano é que Taylor realizar o seu exame conceitual a respeito do bem como valor constitutivo da vida humana. Neste sentido, temos o bem como valor normativo que deve ser encarado como a base das avaliações fortes para dar conta das demandas e dilemas da dinâmica vivencial do agente humano na sociedade moderna ocidental. Nesta direção Taylor segue argumentando que:

Somos bem mais sensíveis ao sofrimento, o que, claro, podemos traduzir em simplesmente não querer ouvir falar dele, em vez de o expressarmos na tomada de alguma ação corretiva concreta. Mas a noção de

que temos de reduzir o sofrimento a um mínimo é parte integrante daquilo que o respeito significa para nós hoje - por mais desagradável que isso tenha sido para uma eloquente minoria, em particular para Nietzsche (TAYLOR, 2013, p. 27).

Quando o si mesmo busca colaborar para tentar atenuar o sofrimento humano são as suas articulações significativas que possibilitam tal ação moral. Esta atitude tem em sua gênese certa ontologia moral, isto é, o *self* tem os seus modos de ser configurativos. Todavia, esta ontologia moral pode ficar escondida do agente moral que, de uma forma espontânea, acaba expressando as suas posições diante dos problemas da vida comunitária a seu contento. Este tipo de articulação significativa do agente moral no que tange aos seus começos pode se constituir como algo repleto de dificuldades e imbróglis ranhosos, porque haveria a necessidade de se explicitar a base da fundamentação ontológica que exerce a força de orientar as ações morais. Em razão deste entrave, Taylor denota que se faz necessário que o si mesmo busque uma articulação que expresse certa autocompreensão de si mesmo. Assim, o agente moral humano estaria avaliando o que o atinge emocionalmente com significatividade no âmbito das relações intersubjetivas. Por certo, a tarefa aqui é a de fazer uma hermenêutica de si mesmo para conseguir articular o seu próprio *self* pontual, pois o agente humano nesta perspectiva consegue construir as condições necessárias para assim elucidar as estruturas ontológicas de sua própria condição moral. Logo, o agente humano conseguirá buscar as fontes morais em sua base e realizar as suas avaliações fortes que se exprimem por meio de suas ações no âmbito esfera pública política.

Esta atitude hermenêutica do agente moral representa o ato de se aprofundar e desta forma poder chegar até os fundamentos de seu si mesmo em termos de configuração de sua identidade moral. Aqui a busca é motivada pelo desejo de elucidar compreensivamente via a sua interioridade, o seu modo de ser, concretizado e exprimido naquelas ações que acontecem no mundo e que comporta as relações sociais e políticas na vida cotidiana. Se o emocional se constitui como objeto de investigação para o si mesmo, o que se percebe é que isto não conduz o agente a apenas conhecer a sua própria interioridade, mas ainda a reconhecer que existem origens ontológicas que são concernentes e inerentes as suas ações morais. O que o agente acaba percebendo é que mesmo que suas ações emocionais sejam individualizadas, elas não deixam de ter a sua gênese

nas experiências da vida cotidiana comunitária que expressa à constituição de ações socioculturais referentes a estruturas de linguagem coletiva. É a linguagem que é a responsável pela nutrição das experiências significativas do agente moral, isto não se refere a algum tipo de sentido causal exteriorizado, porém se apresenta como elemento simbólico que abre espaço para o agente lidar com articulações interiorizadas no que tange aos seus sentimentos, pois isto faz com que estes agentes consigam reconhecer o seu modo de ser e a sua identidade numa relação dinâmica e holista com a sua alteridade. A operação da linguagem pelo agente moral não poder ser autoritária, pela simples razão de que o que está em jogo é a maneira como os indivíduos conseguem se orientar por meio dela para poder assim se realizar como *self* no fluxo de uma concepção de vida que tenha como ideal constitutivo e autêntico o bem.

Expressando a sua identidade torna-se possível que o agente moral se guie tendo como horizonte a realização de uma vida que seja pautada pela bem. Esta orientação pode conferir as condições estruturais para que uma vida seja uma boa vida. Tal postura é importantíssima para o pensamento da filosofia moral de Taylor que visa mapear as fontes de construção da identidade moderna. Sendo assim, Taylor empreende uma reflexão na esfera da filosofia prática que não está apenas preocupada com os conteúdos dos deveres das ações morais, porém aqui temos a ênfase dada à vivência significativamente articulada do si mesmo em relação com o bem. Na filosofia moral de Taylor a questão que é resgatada é a do sentido da vida humana em seu processo construtivo da realização imanente de uma vida que seja fundamenta pelo bem em suas estruturas antropológicas. Como implicação disto, temos uma abertura das ações humanas no campo do espaço político que supera aquilo que está meramente atrelado às leis da natureza e ao atomismo fechado em si mesmo. Isto justifica as críticas que Taylor tece a razão procedimental e instrumentalizada do cartesianismo e do liberalismo abstrato. O modelo de domínio racionalista cartesiano objetiva apenas o controle instrumental que deseja se libertar das paixões ao obedecer à razão e, no caso do liberalismo atomista, esta mesma razão seja apenas uma peça formal de orientação puramente instrumental. Diante disto, entendemos que a importância do tratamento que Taylor concede as configu-

rações morais da vida cotidiana seja algo importante no âmbito de uma ética de afirmação desta mesma vida cotidiana que rompe com muito do formalismo racionalista lógico-linguista que foi introduzido e trabalhado nas filosofias morais contemporâneas.

As inexoráveis configurações morais do si mesmo como agente moral na vida cotidiana

Provavelmente, uma das intenções de Taylor ao se concentrar na noção moderna de afirmação ética da vida cotidiana, seja uma espécie de peculiaridade positiva em sua reflexão moral no que diz respeito à constituição da identidade do agente moral. Assim, Taylor nos mostra que esta vida cotidiana está orientada por uma série de configurações morais em que os agentes morais acabam aderindo por meio de seus sentimentos com uma gama de articulações, que tem como objetivo trabalhar com uma noção de sentido que de conta de buscar realizar uma vida em plenitude. Nesta movimentação que visa à busca por sentido, notamos que Taylor propõe que os agentes busquem, realmente, a realização de seu si mesmo (self) em termos de dignidade da vida humana. Este axioma da dignidade se mostra ao agente como uma configuração pertinente, pois acaba sendo algo fundamentalmente significativo para o agente moral em sua vida hodierna. Quando o agente moral reconhece que a sua dignidade está posta no conteúdo daquilo que ele busca para concretizar de uma forma ôntica a realização do si mesmo (self), o agente humano já está posicionado em determinada configuração moral que o conduz a desejar ser reconhecido na imanência de um campo amplo de predicções que o dignifique. Todavia, para Taylor tal desejo está fundamentado em uma configuração moral que abre espaço e oportuniza ao agente moral articular os seus sentimentos morais para que lhes de uma: “orientação que vise encontrar a realização de sua identidade no âmbito do bem pleno, isto é, dos hiperbens” (ARAÚJO, 2004, p. 140).

Sendo assim, quando um agente moral problematiza a vida cotidiana tendo como horizonte a procura do axioma da dignidade o que acaba ocorrendo é que muitos agentes colocam em exame inquiritório as suas próprias ações. Logo, tal aporia gira em torno da questão se estas ações estão sendo satisfatórias no sentido de realizar tudo aquilo que os mesmos agentes entendem ser válido e digno para a realização do si mesmo em sua vida. Nesta linha Taylor pondera que:

Podemos talvez chegar ao âmago dessas questões da seguinte maneira. Questões ao longo do segundo eixo podem surgir para pessoas de qualquer cultura. Um membro de uma sociedade guerreira pode perguntar-se se seu histórico de façanhas corajosas está à altura da fama de sua linhagem ou das exigências de sua posição. Pessoas de uma cultura religiosa perguntam-se muitas vezes se a exigência de piedade convencional é suficiente para elas ou se não sentem uma chamada a uma vocação mais pura e dedicada. Criaturas deste tipo fundaram a maioria das grandes ordens religiosas do cristianismo, por exemplo. Contudo, em cada um desses casos permanece inquestionável alguma configuração que ajuda a definir as exigências a partir das quais as pessoas julgam sua vida e medem, por assim dizer, sua plenitude ou nulidade: o espaço da fama na memória e no cântico da tribo, o chamado de Deus tal como explicitado na revelação ou, para tomar outro exemplo, a ordem hierárquica do ser no universo (TAYLOR, 2013, p. 31).

A fundamentação que está subjacente a esta problematização de Taylor é a de que, em todas as suas partes, as posições reflexivas encetadas pelos agentes morais tem o seu substrato calcado em alguma configuração que auxilia na definição das exigências, pois a partir destas os agentes constroem as condições necessárias para avaliar as suas ações na vida cotidiana em termos de plenitude ou nulidade. Entrementes, para Taylor existe uma necessidade de busca por entendimento das ações morais do agente. Porém, não simplesmente como algo estribado em processos racionalísticos atomizados. O si mesmo se ergue construtivamente tomando como estofado uma configuração moral que mune o agente moral para que este possa articular em termos significativos, aquilo que ele entende ser um axioma relevante para a sua existência no que concerne a valoração de uma vida digna. O que está em jogo na mutabilidade da perspectiva teórica que Taylor imprime para dentro da filosofia moral contemporânea é a noção de que se deve assumir nas articulações significantes, referentes aos sentimentos dos agentes as práxis políticas, históricas, religiosas e culturais. Pois os agentes humanos estão inseridos e posicionados dentro do horizonte do bem substantivo. Taylor é um filósofo que se ocupa no trabalho de tentar demonstrar como o agente moral está posicionado no contexto de sua vivência comunitária que é muito importante. Por que esta vida comunitária é que lhe oferece as configurações necessárias e representativas para a construção de seu si mesmo na esfera pública democrática.

A influência hegeliana existente no pensamento de Taylor pode ser notada nas considerações que ele tece sobre a questão do influxo que a vida comunitária exerce

sobre a vida particular dos agentes morais. Esta vida comunitária surge como uma espécie de oportunidade sem precedentes para a existência dos agentes humanos na tarefa que está diante deles no sentido de construírem as suas identidades. Taylor postula que é por meio da vida comunitária, que os agentes conseguem encontrar os elementos culturais substantivos para a sustentação de suas questões referentes aquilo que se configure como bom em termos de ação a ser realizada no âmbito de sua vida atomizada-holisticamente. O agente moral ao buscar o sentido de ser em sua vida está preocupado com aquilo que é bom ou com o bem a ser realizado e não apenas com o que seja certo no âmbito do dever fazer. Neste sentido, podemos discernir a razão de Taylor desde o início de sua filosofia moral presente em *“As fontes do self”*, empreender uma severa crítica à filosofia moral contemporânea, que privilegia muito mais aquilo que seja o certo a ser realizado do que dar enfoque no que é bom em termos ontológicos (ARAUJO, 2004). E, no olhar analítico de Taylor, a questão está muita mais centrada na definição de proposições morais de ordem metaética que busca em termos lógicos uma série de definições formais daquilo que seja a obrigação moral. Esta postura deixa de lado aquilo que Taylor considera ser mais importante se ocupar como é o caso da natureza do bem viver em comunidade.

Para Taylor a ideia forte de vida comunitária e a sua relação com a vida atomística do agente moral, carrega consigo a potência de abrir horizontes expansivos para que aconteçam experiências humanas pautadas pela liberdade. Taylor toma como base para tais afirmações a filosofia de Hegel. Mas, temos que destacar que Hegel reflete sobre a vida individual do agente humano em termos de uma identidade que se encaminha sempre na direção de se manter numa espécie de racionalidade homogeneizada. Porém, para Taylor a questão se configura numa interface de práticas culturais que forneçam as fontes morais substanciais, para que aconteça a construção da identidade dos agentes humanos em suas potencialidades pessoais de ser. Nesta linha, Taylor toma distância do pensamento de Hegel, pelo fato de que para o filósofo canadense as fontes culturais da vida comunitária não representem a absorção plena dos seus valores universalmente aceitos. Contudo, estas fontes tem um valor significativo no que tange a orientação necessária para a vida dos agentes morais que procuram realizar aquilo que eles elencam

como o axioma do que seja o bem para a sua vida cotidiana (ARAÚJO, 2004). Esta questão na perspectiva de Taylor (2013) rende à pauta de uma investigação referente ao problema do si mesmo com um exame que se dirige a construção dos sentidos de interioridade, individualidade e liberdade tão recorrentes no âmbito do Ocidente moderno. Como implicação disto tem-se a força que o termo autonomia foi assumindo ao longo da história cultural ocidental até os dias atuais. Isto é visto no sentido de dar forma ao conteúdo das vidas dos agentes que orientam a sua vida moral por meio de fontes qualitativas que são pautadas nos valores do respeito pela liberdade e pela dignidade atomizada e holística.

A posição ontológica da vida do si mesmo em sua relação constitutiva com o bem

A construção da identidade moderna tem de levar em conta o bem como axioma fundamental para dentro da vida do si mesmo (self) em termos significativos. Pois, isto tem valor de verdade quando pensamos na base moral do agir substantivo dos agentes em sua vivência comunitária e atomística. Contudo, que o ser humano carrega consigo uma dimensão ontológica fica explicitado se acompanharmos Taylor nas proposições de sua filosofia moral. E, ao pensarmos nesta ontologia moral, objetivamos e nos referimos ao si mesmo que se desvela a partir da vida digna com uma série de modos de ser. O si mesmo existe jogado num pano de fundo que não está destituído de conteúdos que envolvem as suas práticas que lhe dão forma. Há posições de racionalidade, vontade e ação que o agente moral vai assumindo ao longo da construção de sua identidade moral. Estes modos de ser do si mesmo nos conduzem para a tarefa que lhe é peculiar com a tarefa de se autointerpretar, para obter assim uma melhor compreensão de sua interioridade em termos de configurações que são delineadas por nossas fontes morais autênticas.

Notamos que Taylor de uma forma pertinente e aguçada, realiza uma espécie de análise ontológica do si mesmo em termos de fontes morais. Neste texto estamos perseguindo a pista da relação que o si mesmo estabelece com o bem no que diz respeito às avaliações fortes. Outro dado importante é o de que a investigação de Taylor acerca do si mesmo está circunscrita num horizonte ontológico temporal da moral que se ergue como sendo o mais importante. Pois para Taylor a vida do agente moral não se esvai

nesta consideração moral pelo fato de o filósofo canadense levar em conta o caráter cognitivo do ser humano expresso, por exemplo, na biologia, psicologia, sociologia. Embora caiba aqui frisar que muitas vezes Taylor rechace criticamente os pressupostos filosóficos das abordagens feitas por estas disciplinas ao lidar com uma série de problemas epistemológicos (PEREIRA, 2008). No que concerne à relação estabelecida entre o bem e o si mesmo, frisamos que esta é fundamental para qualquer espécie de investigação que se ocupe com as fontes morais do si mesmo pelo fato de oferecer as condições elementares para que o agente moral avalie fortemente.

Por certo, a constituição do si mesmo, acontece no tempo com as práticas e discursos morais que são compostos de avanços e retrocessos em termos de significados. Taylor neste sentido avalia que:

Só somos um self na medida em que certas questões são importantes. O que eu sou enquanto *self*, minha identidade, define-se essencialmente pela maneira como as coisas têm significação para mim. E, como se discutiu amplamente, as coisas têm significação para mim, e a questão de minha identidade é resolvida, apenas mediante uma linguagem de interpretação que vim a aceitar como articulação válida dessas questões. Perguntar o que uma pessoa é, abstraindo suas autointerpretações, é fazer uma pergunta fundamentalmente errônea, para a qual não pode haver, em princípio, uma resposta (TAYLOR, 2013, p. 52).

Se e somente se o si mesmo encontrar-se numa posição ontológica, que indique que a identidade do agente moral já está posta continuamente na imanência de uma configuração valorativa. Logo, teremos a construção da vida ética do agente moral pautada em coisas importantes e que lhe dão um sentido autêntico para existir na temporalidade. E, se levarmos em conta que as relações entre o bem e o si mesmo são configurações inexoráveis, desta forma, teremos que enfrentar tal questão de um modo objetivo. Vemos isto assim como Taylor trabalha em sua noção de bens constitutivos. O axioma do bem é um elemento que se apresenta como constitutivo da vida cotidiana do agente moral. Contudo, em Taylor a força da exterioridade que envolve o bem de certa forma

condicionante, demarca uma dinâmica que se mostra para os agentes morais como possibilidade de arranjos e rearranjam do próprio sentido da noção de bem e das demais fontes morais. De modo que é por meio desta relacionalidade que é entendida como uma espécie de normatividade, é que garante o intercâmbio entre o si mesmo e os bens que se evidenciam na vida moral do agente humano. Pereira (2008) postula que o si mesmo carrega consigo determinada noção de objetividade nas suas ações. Todavia, o agente moral só consegue ser no mundo na condição de si mesmo de um modo autêntico, quando é orientado pelo bem. Isto é algo que constitui a amalgama de seus predicados pessoais em sua existência de agente moral no processo de afirmação ética da vida cotidiana.

Em "*As fontes do self*", Taylor expõe via uma longa articulação que se torna relevante para esta discussão que objetiva elaborar uma história da identidade moderna, algo que não pode ser tergiversado. Num primeiro momento, desta trama, temos a relação entre a noção de objetividade e sentido que estabelece a ideia de que para algo ser objetivo, o mesmo, necessita ter sentido no que tange as ações e sentimentos de nós mesmos e dos outros. Num segundo momento, encontramos uma desvinculação das noções de objetividade e realidade da categoria de propriedade, isto é, não temos de requerer uma gama de propriedades e estruturas que determinem algo *a priori*. Esta postura teórica, na visão de Taylor, pode ser aplicada tanto aos bens constitutivos como a vida do si mesmo. Este estado de coisas está circunscrito fenomenologicamente a própria existência moral do agente humano em seus sentimentos e ações. Pois assim, não se pode deixar escapar a própria questão do conflito ontológico com o qual nos defrontamos nas situações de conferir uma descrição mais precisa da interioridade do agente moral e do mundo em que vive na condução de sua tarefa de avaliar fortemente as coisas. Taylor nesta linha pondera problematizando:

Em contraste, a noção de self que vincula à nossa necessidade de identidade pretende apreender esta característica crucial do agir humano, a de que não podemos dispensar alguma orientação para o bem, de que essencialmente somos (isto é, definimo-nos ao menos, *inter alia*, por) a posição que assumimos em relação a isso. O que é ser um *self* ou pessoa desse tipo é algo difícil de conceber para determinadas tendências da

filosofia moderna e, sobretudo, para as que se enclausuraram na corrente dominante da psicologia e das ciências sociais (TAYLOR, 2013, p. 51).

A primeira posição ontológica do si mesmo pode ser delineada no sentido de sua condição indissociável dos bens constitutivos. Assim Taylor tem a pretensão de dar conta do problema referente à intenção da defesa da objetividade que as ciências naturais postulam de uma forma apologética e que é por vezes foi assumido no âmbito de investigação que envolve o si mesmo em termos de técnica e ciência calcada na ideia de razão instrumental. O rechaço de Taylor em relação a este tipo de objetividade instrumental, que tem como foco o estudo de um objeto em si mesmo por meio de um recorte de especialista, demonstra que “esta objetividade acredita na quimera de que seja possível estudar o objeto sem a interferência do sujeito” (PEREIRA, 2008, p. 94). Taylor rejeita a distinção analítica de descrição e objeto, pois para ele tal distinção não pode ser realizada pelo fato de estarmos permanentemente nos orientando desde a referência de certos bens constitutivos em relação com o si mesmo. Para Taylor, a objetividade não legitima qualquer tipo de defesa de neutralidade e imparcialidade na pesquisa. Todavia, o fato é o de que todo tipo de descrição do si mesmo implica numa situação onde conceitos substancialmente compartilhados nos servem de fundamentação epistemológica qualitativa em relação à tarefa de descrever, longe de qualquer *a priori*, referente ao si mesmo, apenas em termos de ser uma ética ou ciência que seja construída por meio de pressupostos puramente lógico-linguísticos.

Este problema da objetividade que Taylor enfrenta tem um exemplo pertinente que é o caso da psicologia genética. No parecer do filósofo canadense, a pressuposição ontológica que esta vertente de investigação trabalha não se diferencia muito da visão behaviorista. Esta perspectiva indica que a explicação do desempenho humano é extraída de seu contexto compreensivo. Ambas as linhas investigativas tomam como estofamento metodológico o modelo paradigmático do materialismo mecanicista, ou seja, “estas linhas de pesquisa capturam o si mesmo como um portador de propriedades” (PEREIRA, 2008, p. 94). Esta operação desconstrói o horizonte de sentido postulado pela filosofia tayloriana, pois se as configurações morais do agente moral são deslocadas de uma base mais fundamentalmente analisável, a relação estabelecida entre o si mesmo e o mundo

que o circunda no qual ele tenta dar respostas acaba se extinguindo. Assim, o conflito substancial moral imanente a uma ética de afirmação da vida cotidiana é frontalmente deixado de lado e o relacionamento entre bem e o si mesmo fica prejudicado.

Em sua crítica a estes modos de compreensão do si mesmo, Taylor faz coro com outras teorias morais que rechaçam este reducionismo tecnicista da moralidade. Por exemplo, temos o caso de Jürgen Habermas que postula uma teoria discursiva da moral que justificaria assim, o desenvolvimento moral do agente humano com os seus estudos de psicologia cognitiva que seria capaz de estabelecer como se daria o seu desenvolvimento cognitivo, desde o ponto de vista estrutural da natureza humana. Habermas se vale dos estudos de Kohlberg referentes ao desenvolvimento moral do indivíduo (HABERMAS, 1989). Na percepção de Taylor, se o agente moral possui as estruturas definidas e as propriedades acabadas de modo que a moral se constitua como algo, substancialmente, estribado em propriedades puramente naturalistas. E, se estiver sob um formato apenas pautado em diferentes estágios de progresso cognitivo nós teríamos algumas implicações sérias. Conseqüentemente, o si mesmo seria vilipendiado negativamente com uma noção minimalista de objetividade, e seu horizonte de significado como posição ontológica em seus modos de existir no mundo inerente a esta relação que é estabelecida com o bem, não seria fundamentalmente significativos para as suas configurações atribulativas das fontes morais.

Ao problematizar esta questão Taylor aprofunda a sua crítica aos modelos de raciocínio puramente naturalistas. Pois, estes formatos desconsideram em geral os dois lados da ação moral do agente humano, na condição de si mesmo em sua vida ética em termos de sentimentos e reconhecimentos epistemológicos. Veja como Taylor argumenta:

Todo o modo pelo qual pensamos, refletimos, argumentamos e nos questionamos sobre a moralidade supõe que nossas reações morais têm esses dois lados: não são apenas sentimentos “viscerais”, mas também reconhecimentos implícitos de enunciados concernentes a seus objetos. As várias explicações ontológicas tentam articular esses enunciados. As tentações de negar isto, que advêm da epistemologia moderna, são fortalecidas pela ampla aceitação de um modelo profundamente errôneo de raciocínio prático, baseado em uma extrapolação ilegítima a partir do raciocínio das ciências naturais (TAYLOR, 2013, p. 20).

Por certo, encontramos nesta crítica tayloriana a justificação das variedades de fontes morais que constituem a identidade do agente moral em seu estado ôntico de si mesmo em sua relação com o bem. A relação que o si mesmo estabelece com o bem não é monista em termos definitivos de bens específicos, porém ao anverso disto, o si mesmo está diante de uma realidade pluralista de bens constitutivos e que se constituem com as mais variegadas possibilidades de conformação destes bens. Certamente nestas situações os conflitos podem existir nas implicações de modos que se autoanulam, nas hierarquias situacionais realizadas em meio aos dilemas morais que envolvem a tomada de decisão, por parte do agente moral, entre dois ou mais bens que entrem em conflito. Esta situação preserva a mobilidade da condição humana em termos de decisão, tendo em vista que os bens são temporalizados. “O bem e o si mesmo são constituídos historicamente” (PEREIRA, 2008, p. 95). Entretanto, esta condição histórica, quando é considerada na linha do pano de fundo dos bens constitutivos, não tem a intencionalidade de promulgar a noção de progresso moral. A ideia forte aqui é a de que o si mesmo está jogado em contextos de pura contingência e que por esta razão, é que o seu relacionamento com o bem pode colaborar com a constituição da identidade do agente moral tendo como horizonte fundante a construção de uma identidade nor-teada pelo bem.

Ademais, temos que levar em consideração que o si mesmo encontra-se limitado, ainda que de uma forma fraca em meio às configurações constituídas substancialmente. Mas, apesar de tudo a situação do agente moral é a de estar atrelado ao puro dever em sua tarefa de se comunicar com o outro que não ele mesmo. Assim, é importante frisar que existe um pano de fundo que conforma a vida do agente moral. Por esta razão, não é viável enquadrar o si mesmo na posição de objeto de estudo, rechaçando assim, as coisas que para o mesmo são pertinentes. O si mesmo de forma alguma se coloca numa posição neutral. Este se define constitutivamente pela via das avaliações fortes e dos bens constitutivos. A questão da motivação é indissociável das práticas e discursividade do agente moral, pois como salienta Taylor “só podemos definir nossa identidade contra o pano de fundo daquelas coisas que são importantes” (TAYLOR, 1994, p. 75). É neste pano de fundo que se delineiam significativamente as movimentações de uma amalgama de configurações na imanência da interioridade que nos movi-

mentamos e, inclusive, uma destas movimentações no que tange a construção da identidade do agente moral em sua relacionalidade constitutiva, se evidencia no contato entre o bem e o si mesmo que se espalha na esfera de uma política do reconhecimento e numa ética de afirmação da vida cotidiana com autenticidade.

Considerações Finais

Neste texto tivemos a pretensão de nos aproxima e examinar brevemente a questão das relações existentes do bem com o si mesmo. Para tanto, observamos que na constituição da identidade do si mesmo como agente moral de que trata a obra de Taylor "*As fontes do self*", se ergue uma espécie de genealogia que busca fazer uma exegese do pensamento do *self* moderno. Nesta perspectiva, Taylor empreende um trabalho de instauração de contextos de compreensão que visam explicar o como se deu a configuração e a construção desde as suas bases mais originárias do pensamento e identidade do sujeito moderno. Assim, temos uma investigação densa e preocupada em explicitar quais seriam as fontes morais destes contextos de compreensão em que o sujeito moral moderno está inserido. O bem é uma das fontes mais importantes desta dinâmica de busca pelas fontes morais do si mesmo. Em razão disto, temos de reconhecer que existe uma espécie de relação entre o bem e o si mesmo que se dá na afirmação da ética da vida cotidiana. A motivação desta proposição está pautada pela noção de como foi sendo construída a identidade moderna em função do bem ou bens constitutivos. Esta tarefa de interagir com as demandas da vida interior do si mesmo em suas articulações significativas e avaliações fortes na condição de agente moral moderno, diante de dilemas éticos. Esta atenção que Taylor confere a construção da identidade moderna perpassa toda a sua filosofia moral que é dirigida pela noção de bem e fontes morais.

O bem para Taylor é um fator que reúne todas as suas preocupações teóricas, pois esta questão está atrelada a aporia da ação moral. Sendo assim, a noção de que o si mesmo tem de se orientar no universo em que vive acaba sendo quase que uma espécie de imperativo. Todavia, os valores que podem agregar sentido a identidade do agente moral não podem ser deixados de lado, neste jogo de representações no qual o agente moral em seu estado de si mesmo busca a sua autorrealização. A dignidade do si mesmo em sua humanidade e ações, necessita do bem como orientador de seus modos

de ser. O que está em jogo nestas avaliações que o agente moral tem diante de si mesmo é certamente a busca de realização do seu *self* que garante o sentido na imanência da própria identidade do si mesmo no estado de agente moral, que está em um fluxo de constante construção ao levar em consideração o problema das fontes morais. A perspicácia filosófica de Taylor é a de nos mostrar com ampla argumentação o como se dá esta relação estabelecida entre o bem e o si mesmo. A intencionalidade tayloriana é a de tratar da questão do bem não apenas de um ponto de vista metaético, mas investigar a relação do bem com o si mesmo a partir de suas fontes morais constitutivas, tendo em vista a noção de ação moral diante dos problemas do bem viver. Então, o bem se mostra ao si mesmo em sua condição de agente moral, como referente de orientação ética no jogo de afirmação dos valores éticos na afirmação da vida cotidiana e da autenticidade ontológica temporalizada.

Cabe ainda destacar que Taylor em seu pensamento moral, se vale de uma ontologia humanística que coteja as posições ônticas da vida do si mesmo em sua relação constitutiva com o bem. Para Taylor, são as fontes morais com os seus conteúdos que constituem o ser aí do si mesmo em sua construção identitária de agente moral. A vida do si mesmo é repleta de configurações morais e a noção de conflito é uma realidade, pois as práticas do *self* estão jungidas em um pano de fundo que lhe dá forma num sentido fenomênico dos bens constitutivos em sua autointerpretação. Assim, a posição ontológica do si mesmo nos remete aos possíveis contextos de compreensão ligados ao interior de configurações que são delineadas pelas fontes morais. Neste caso, a relação do si mesmo com o bem é um tipo de existencial que procura interagir tendo como base as avaliações morais fortes. As investigações de Taylor sobre a constituição do si mesmo como agente moral, nos leva a percebermos que existe uma espécie de moral ontológica temporalizada. Logo, a relação entre o bem e o si mesmo se mostra como algo de indissolúvel na filosofia moral tayloriana. O bem é que confere fundamentação para a investigação das fontes morais do si mesmo, pois é a partir delas que o *self* em sua condição de agente moral terá as condições substantivas para avaliar fortemente. O si mesmo só pode ser algo ao estabelecer uma pertinente relação com o bem e, se não for assim, o si mesmo em sua condição de agente moral acaba sendo jogado no nada. O *self* se constitui

em sua posição ontológica e identitária significativa por ter como referência nuclear o axioma do bem.

Referências

ARAUJO, P. R. M de. *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CORTINA, A; MARTÍNEZ, E. *Ética*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1989.

HEYWOOD, Andrew. *Ideologias Políticas: do feminismo ao multiculturalismo - Vol. 2*. Tradução Janaína Marcoantonio, Mariane Janikian. São Paulo: Ática, 2010.

LAUDA, B. B. *O self moderno e as virtudes republicanas no estado liberal "neutro": revisitando o debate liberal-comunitarista a partir da filosofia política de Charles Taylor*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Direito. Programa de Pós-Graduação em Direito, Porto Alegre, BR-RS, 2012. Disponível em: http://sabi.ufrgs.br/F?func=find-b&request=Bruno+Bolzoni+Lauda&find_code=WAU. Acesso em: 02 dez. 2015.

PEREIRA, Taís Silva. *O bem e o self: um estudo sobre a ontologia temporalizada da moral de Charles Taylor a partir do problema da motivação*. Orientador: Luiz Bernardo Leite Araujo. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1819. Acesso em: 02 dez. 2015.

TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Tradução de Adail Ubi-jajara Sobral, Dinah de Abreu Azevedo. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. *La ética de la autenticidad*. Traducción de Pablo Carbajosa Pérez. Barcelona: Paidós, 1994.